



ELENA BAY, 1.^a cantora da Companhia Vial, no Politeama

Lisboa, 23 de Novembro de 1914

Segunda série—N.º 457

Ilustração Portuguesa

Director: J. J. DA SILVA GRACA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.^{DA}
 Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, off. de composição
 e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840 "	
Ano.....	4880 "	10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Frado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.300\$000
Réis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria



Alfaiate de senhoras

Martins de Carvalho

C. DO SACRAMENTO, 7, S/LOJA
(Ao Chlado)

(Aceita fazendas)

Sabonete preparado
com os saes das Aguas
de **Naizella**
o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE FARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Monmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-0 ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo efeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envidam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"
Rua do Seculo, 43—LISBOA

MOZAIÇOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^ª
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEFONE 1244 — LISBOA

PLANTAI
AS NOSSAS ARVORES
E
COLHEIREIS OS MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & FILHOS
HORTICULTORES
5-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
CATALOGOS GRATIS

Pele setinoza, macia, avuljada,
reunindo tambem dezificação ri-
gorosa, a que tudo junta, 7398-
senta SAUDE!

UZAE
O
Sabonete

DR. CAMARA PESTANA
ALCATRÃO COMPOSTO

NETTO, NATIVIDADE & C.^ª — 19, Rua Jardim do Regedor, 21-A

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 457

23 — 11 — 1914

Verão de S. Martinho

Foram breves, este ano, esses lindos dias de S. Martinho — dias em que o sol acaricia a pele e as arvores, que o vento despe, pa'pitam e estremeceem, na frescura do ar, como corpos femininos que se desnudam. O outono é a mais linda estação do ano, em Portugal. A primavera portuguesa, já Eça de Queiroz o dizia, é uma fantasia de maus poetas. O outono, sim, é a quadra



em que a nossa paisagem toma uma alma doce e amorosa; em que a cor verde do ma, a sombra das colinas e o horizonte azul do ceu, se aveludam, límpidos, no manso cair das tardes; em que os primeiros frios acordam, na ecloga dos

prados, a vida que o torpor ardente do verão fagigou e queimou; em que a natureza nos sorri, espiritualizada, com um olhar, velado e casto, onde as primeiras lagrimas do inverno tremulam. Oh! a ternura do lindo outono de Lisboa, quando as tias da Avenida se desfolham, os crisantemos descerram, nos floristas, as suas palpebras humidas e o lindo anjar, saltitante e inquieto, da lisboeta se envolve nas primeiras peles! Formoso outono de Lisboa que tão fugidío pareceis ser, este ano!

Rocambole

Rocambole visita-n' s agora no ecran d'um animatografo. Rocambole é a figura mais popular da literatura contemporanea. Pode, mesmo, dizer-se, que ele, aventureiro e misterioso, foi o pae de toda uma literatura. O romance-folhetim, o moderno romance de intriga nasceram de Rocambole. Sherlok Holmes, Raffles, Arséne Lupin, são seus filhos. Aos dezete anos, todos nós convivemos com Rocambole, o admirámos e passámos algumas horas perturbadas na sua literariamente pouco estimulante companhia. Decorreu o tempo; — hoje envergamo-nos quasi de o ter conhecido e fingimos não recordar já as suas feições, as suas façanhas, que todas as costureiras e todos os quintos andares sabem de cór. Comtudo, Rocambole é a imaginação — e essa personagem inverosímil, com os seus punhaes e as suas proezas, ha algumas dezenas de anos que comove e interessa milhões de criaturas. Não tenho duvida em o afirmar: hoje já não admiro Rocambole, mas, nem por isso, deixo de confessar que tivemos, outr'ora, excellent's relações e, como não tenho agora tempo, nem espirito, para o ir cumprimentar, aqui lhe deixo o meu cartão de visita — a ele e aos amaveis companheiros do Club do Va'tete de Paus.



Nova expedição para Angola

Para Angola vão partir mais soldados portugueses. O solo africano está regado, todo ele, com o nosso sangue e o nosso amor — e, por isso, não é sem uma singular emoção, mixto de ternura e de fé, que Portugal vê, hoje como honram, seguir filhos seus para as inhospitas paragens, onde a alma lusitana tem vivido algumas



das suas horas imortaes. Em cada pedra de fortaleza, em cada sombra de arvore, em cada remoto caminho, o interior negro perpetua um nome e um peito portuguez. A Africa é um longo poema de sacrificios nossos — e uma longa estrada de glorias. Os povos, como os homens, afirmam-se pelas suas energias criadoras. Portugal é, na historia do mundo, um dos mais prodigos desperdiçadores de forças que o seu braço e o seu genio tem legado á civilização e á opulencia de outros. A Africa moderna é, n'um grande quinhão, obra nossa — e é o nosso ultimo orgulho. E é esse orgulho, mais do que a riqueza dos seus tesouros, que nós sobre tudo amamos e mais encarniçadamente defendemos.

Ode á Belgica

João de Barros canta, n'um ritmo emotivo e poetico, as lagrimas e as ruínas da Belgica violada e massacrada — e fal-o com a inspiração exuberante da sua fecunda musa. O meu querido poeta do Anteo e da Terra Florida chora a dôr da Bruges triste,

das cidades incendiadas, dos lares enlutados, dos templos destruidos — e a sua visão evoca a Belgica redimida de amanhã. Pobre Belgica! Os poetas cantam-na, os homens choram-na — e do seu imenso martirio nasce uma alma nova de piedade e de fé. A Belgica pôde estar arrasada: a patria belga é mais viva do que nunca. E' assim sempre, esteril e efemera, a obra que o Odio inutilmente gera e a Crueldade semeia. Nietzsche disse: «imolae os bons e os justos!». A Alemanha, como um genio do mal, imolou a Belgica e não a imolou apenas ferozmente; imolou-a, o que é peor, inutilmente. Mas da Belgica morta uma Belgica viva resurge. Nietzsche não triunfa.



AUGUSTO DE CASTRO

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

LUCIANA

Desde muito cedo, a tristeza fôra n'ela uma espécie de vício. Como certas feias que cultivam a ilusão de serem bonitas, Luciana, a quem coisa alguma faltava de essencial, alimentava a vaidade de se cuidar muito infeliz.

Sem um atrito serio, sem um desgosto profundo, sem nunca ter tido uma doença grave, a sua juventude, se não podia dizer-se inteiramente de rosas, tambem a não molestara com muitos espinhos.

No entanto, ninguem se julgava mais desgraçada, a ponto de verter abundantes lagrimas quasi todos os dias e de volta e meia suspirar ou gemer como se um irremediavel pezar a acabrunhasse.

Bastava uma simples constipação para ela acreditar que a adversidade a perseguia, ou que a modista lhe pregasse mal um botão no vestido para logo se queixar de que tudo quanto havia de mau lhe acontecia.

Gostava de se enfeitar, de se perfumar e divertir. Seria incapaz de se conformar ás privações. Fingia, comtudo, desprezar o dinheiro, odiar a sociedade, detestar o luxo e os prazeres.

Irritavam-na as criaturas alegres ou resignadas com a sua sorte, e tinha a habilidade de pôr malicia em tudo quanto era corrente, desintencionado ou inofensivo.

De um orgulho desmedido, considerava-se em seu intimo tão absolutamente perfeita e bondosa que nem um só minuto duvidava de que podia, com as suas exageradas queixas, estar sendo cruel, mal agradecida ou antipática.

Era saudavel e supunha-se doente. Tinha a existencia garantida e cria-se desamparada. Fruía de mais de um carinho intenso á sua volta e julgava-se abandonada de todos, pois, inconscientemente, se cuidava com direito a tudo sem dar nada.

Quando chegou aos vinte anos, perdeu o pae, já velho e decrepito. Em vez de o lamentar recolhida, procurando seguir-lhe os exemplos de animosa bonhomia, Luciana gritou, vociferou, protestou contra o destino, como se este só para ela tivesse forjado a impiedosa magua de se ver orfã.

Passou desde então a considerar-se ainda mais infeliz, dizendo-se predestinada a uma vida de martirio e sofrimento.

Não era feia, e da sua cara de boneca e do seu corpinho roliço varios homens se agradaram.

Para Luciana, a dedicação sincera de um marido que lhe quizesse bem representaria um formal desmentido á sua monomania de infelicidade. Não correspondeu, por isso, a nenhum dos que a pretenderam, sob pretexto de que eles andavam todos enganados, supondo-lhe uma fortuna que estava longe de possuir.

As mais francas provas de desinteresse não a demoveram, e a ela, que desdenhara do dinheiro, o aparecimento de um novo pretendente pouco abastado arrancou uma negativa colérica, accom-

panhada pelo comentario de que o pobretão apenas ambicionava viver á custa d'ela.

Por uma razão ou por outra, Luciana, durante sete a oito anos, recusou uns dez ou doze admiradores, continuando firmemente a lamentar-se de que ninguem a queria, quando



afinal, toda a culpa residia na insensibilidade do seu egoísmo, que, empenhado em se considerar desditoso, se negava a estender a mão para a felicidade que se lhe oferecia.

Pouco distava já dos trinta, quando pareceu finalmente disposta a gostar d'alguem. E foi um caso deveras singular essa tardia paixão de Luciana.

O favorecido não tinha o mínimo predicação físico ou moral a recomendá-lo. Inteiramente desagradável de aspeto, era grosseiro de maneiras e nada amável de palavras, com as agravantes de se vestir muito mal e de se lavar ainda peor.

O facto de Luciana o distinguir pareceu a todos inexplicável, visto que, apesar do seu génio impertinente e a sempre manifestara uma sensibilidade delicada e suscetível.

Melindrava-a grandemente a mínima falta de ternura dos seus, e se, por acaso, alguns dos irmãos lhe não dispensava toda a atenção, logo se encerrava no seu quarto a chorar como uma Madalena.

Como fôra, portanto, que ela se deixara atrair por um brutamonte da força de Francisco Queluz?

As honras da façanha não cabiam, evidentemente, ao indabrado transmontano, que não conhecia, nem de viva voz, nem por escri-

to, as subtilezas atraentes da amorosa linguagem.

A estranha simpatia surgira do lado de Luciana, n'uma tarde em que, n'uma casa conhecida, o vira pela primeira vez, sujo, trombudo e desamável, a contar insonsas coisas lá da terra.

E tão embebecidamente ela o olhára e escutára, que Francisco Queluz se julgou na obrigação de vêr onde aquilo ia parar.

No dia seguinte foi rondar-lhe a porta, e como ela, para o vêr, se debruçasse da janela quasi a ponto de cair á rua, entendeu que lhe devia mandar uma carta, que, apesar de pouco atenciosa e floreada, obteve logo resposta condescendente.

Como em casa não ousavam contrariá-la, ninguém, por mais disparatado que o achasse, tentou embargar o nascente namoro, e, valendo-se da circumstancia de já lhe ter sido apresentado, Francisco Queluz principiou, dentro em pouco, a visitar a família de Luciana.

lá todos os domingos, a pedido d'ela, que, durante os restantes dias da semana, passára outra vez a andar triste e suspirosa, porque o rude namorado, alegando compromissos e afazeres numerosos, raro lhe aparecia ás horas combinadas.

Não obstante a pouca correção do procedimento do que ela já chamava seu noivo, Luciana mostrava-se, de dia para dia, mais presa a ele.

Até então esquivára todas as propostas de casamento onde podia antever a felicidade futura, mas na hora em que, sem d'isso se dar conta, reconheceu em Francisco Queluz o homem capaz de a fazer sofrer, não hesitou.



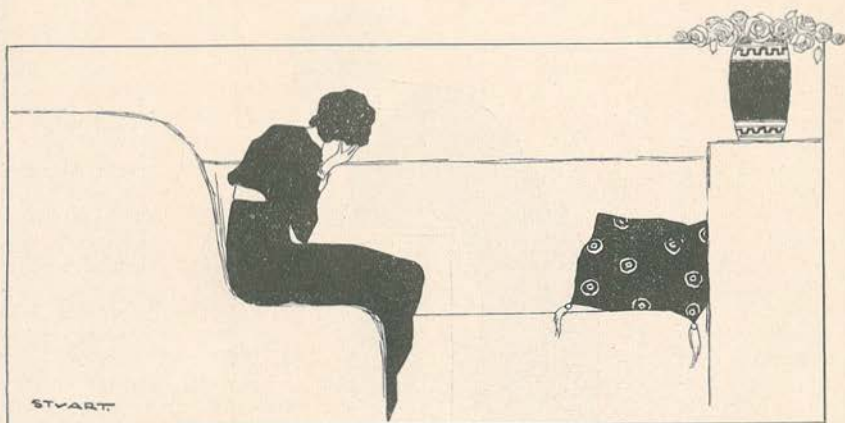
A maioria das mulheres procura nos maridos uma promessa, mais ou menos ilusória, de ventura. Cultivando com deleite a sua vocação de infelicidade, Luciana só se deixou vencer quando encontrou aquele que, com as mais solidas garantias de brutalidade e grosseria, prometia torna-la deveras infeliz.

Mezes depois de conhecer Francisco Queluz, Luciana, que nem chegava a gostar d'ele

ver inflamadas cartas ao tratante, que já nem se dava ao trabalho de as abrir.

Um dia, Francisco Queluz desapareceu de todo, sem se despedir. Soube-se depois que estava comprometido n'um escuro negocio de falsificação de letras, e que, perseguido pela justiça, se atirára da Boca do Inferno.

Ainda com mais essa prova da miseria moral do seu preferido, o orgulho de Luciana



e cingira esse falso amor como um cilício, teve, por um dos irmãos, a informação de que o transmontano não passara de um refinado mariola que deixava na aldeia mulher e filhos, vindo para Lisboa fazer-se passar por solteiro.

Recalcando o que a sua feminina intuição já lhe fizera suspeitar, declarou Luciana não acreditar em «calúnias», continuando a escre-

ver não se deu por vencido. Vestiu luto pelo falsario, chorou-o durante muito tempo, e ainda hoje, no dia do aniversario do seu suicidio, reza algumas ave-marias por alma d'ele.

E' que o patife lhe dera, afinal, a exquisita felicidade de se poder dizer infeliz, com um vago fundamento.

MANUEL DE SOUSA PINTO.





Na Escola de Guerra:—O ilustre presidente da Republica acompanhado dos srs. generaes Pereira d'Eca, ministro da guerra, e Moraes Sarmento, comandante da Escola, pas-sam em frente da guarda de honra, saudando a bandeira nacional.

FIGURAS E FACTOS



O comerciante, sr. Antonio Cunha Mendes Pinheiro, falecido ha dias em Lisboa

O sr. José Fernandes de Almeida, antigo capitão da marinha mercante, ultimamente fal-cido

O antigo corretor da bolsa de Lisboa, sr. Eduardo Perry Vidal, sogro do presidente da camara municipal de Lisboa, sr. Levy Marques da Costa, falecido no dia 15 do corrente

O sr. Manuel Lopes Hocho, proprietario em Celorico da Beira, onde faleceu ha dias

Alexandre Vieira, novel loureiro, falecido repentinamente, com uma congestão, n.º Azambuja

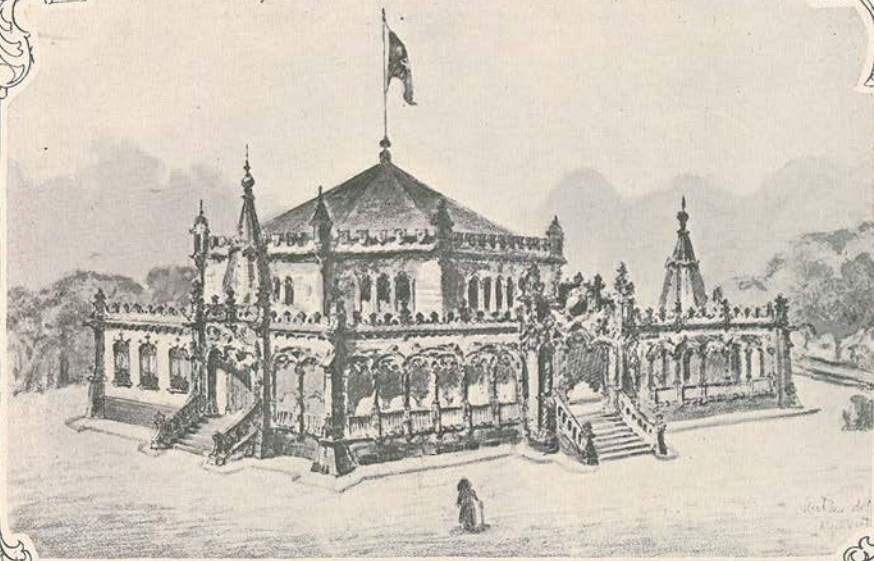


A missão comercial que foi a Londres para estreitar as relações comerciais entre Portugal e a Inglaterra e o presidente do conselho, sr. dr. Bernardino Machado e ministro do fomento, sr. Bandeira de Lima. — («Clíché» Benoitel)



Os novos alunos da Escola de Guerra. — («Clíché» Benoitel).

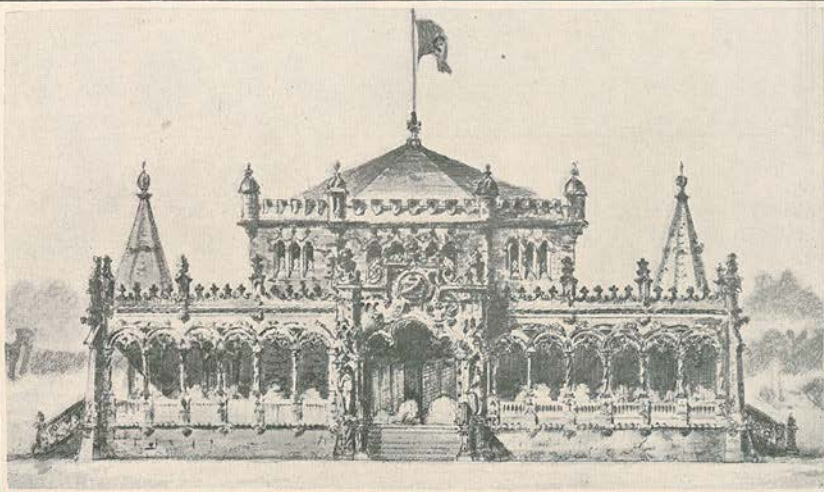
Exposição Panamá-Pacifico



Vão muito adiantados os trabalhos da parte puramente ornamental do pavilhão portuguez que ha de figurar na exposição Panamá-Pacifico, que no futuro ano se realisa em S. Francisco da California. Todos os ornamentos são executados sobre seiscentos e tantos motivos portuguezes, copias da igreja dos Jeronimos, torre de Belem e conventos de Cristo e de Santa Maria da Batalha, os quaes são feitos em gesso

e que, depois de armados, constituirão o luxuoso pavilhão, enriquecido ainda por belos vitraes de Claudio Martins.

Na visita que ultimamente realisaram ao atelier onde se procede aos trabalhos, os srs. ministros dos estrangeiros, colonias e fomento, felicitaram os intelligentes e distintos artistas Mota Sobrinho e Antonio Costa que dirigem tão magestosa obra.



1. Aspêto geral do pavilhão portuguez na exposição do Panamá—2. A fachada principal do pavilhão

ÁVANTE!



Eis que á luta vos chamam, bravos lusitanos,
O' raça de guerreiros, nobre sem igual!
A'vante! que os perigos, mesmo os mais insanos,
Nãe fazem recuar filhos de Portugal.

A'vante! Ide, parti entoando os vossos hinos.
Ah! com verdade, nunca alguém ha de dizer
Que os netos dos herois, dos lusos paladinos
Faltaram já um dia ao que era seu dever.

Que de eras já passadas, áureas de grandesa,
O vosso valor de hoje a todos lembre a gloria.
Fazei dizer ao mundo: «A gente portuguesa
Não perderá jámais o seu lugar na Historia».

Bem sei; custa deixar afetos, gosos, bens,
Buscando em troca o mal, o sofrimento e a dôr.
Mas os risos das noivas e os beijos das mães
Dar-vos-hão no regresso o premio seu de amor.

E, se entre vós houver algum que a sorte queira
Roubar á velha mãe e á noiva apaixonada,
Que êsse diga ao morrer junto á sua bandeira:
«Bem dita sejas tu, ó patria minha amada!»

O. GUERRA

A Aida no "Stadio" de Roma



Uma arrojadíssima empreza organizada superiormente por Severino Vaccari, cuja atividade, em materia de empreendimentos artisticos, é, na Italia, de ha muito tempo já indiscutível, resolveu dar no «Stadio Nacional de Roma» uma serie de audições sensacionais da opera «Aida» do immortal Giuseppe Verdi.

Pode-se dizer, sem receio, que toda a população de Roma ocorreu, em memoraveis noites, ao «Stadio», não só para admirar, mais uma vez, as belezas melódicas e orchestraes da notabilíssima partitura, mas também para gosar uma «Aida», ao ar livre e dirigida pelo illustre maestro Pietro Mascagni, cuja batuta, energica e inspirada, muito contribuiria, como contribuiu, para imprimir á execução do delicioso «spartito» o colorido e brilho que Verdi, ao escrevel-o, por certo idealizou e talvez em sua vida nunca se conseguiu mesmo no «Scala de Milão», em recitas especialíssimas.

A empreza de Severino Vaccari, para garantir a esta «Aida» um successo verdadeiramente excepcional, não hesitou em contratar, para interprete da doce e tragica figura de «Aida» a soprano Juanita Capella,

reputada, nos meios artisticos de Milão e apesar de ser estrangeira (o que não é indifferente) a melhor «Aida» que hoje se encontra na carreira lirica, e bem assim escriptou, para se encarregar da difficil parte de «Amneris», a simpatica e talentosa Gabriela Besanzoni, uma contralto dotada de voz encantadora, volumosa e extensíssima e que recentemente, em Turim, Roma, Milão e outras grandes ci-

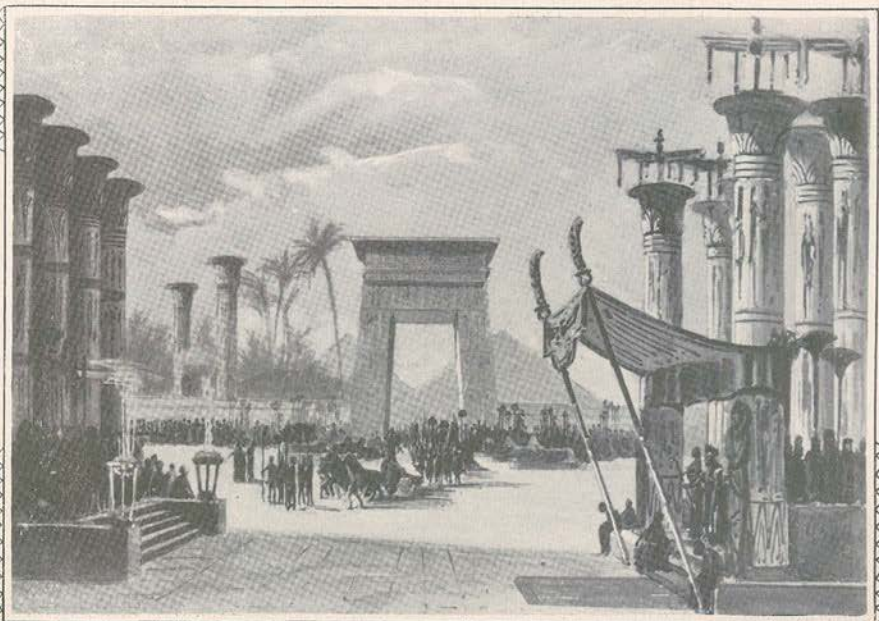
dades da Italia, conquistou assinalados triunfos, aos quaes a imprensa não regateou os mais entusiasticos e merecidos louvores.

No magnifico elenco liam-se também os nomes, muito cotados, do baritono Bione («Amonastro»); do tenor Chioldo («Radames») e do baixo Argentini («Ranfif»), além de outros de merecimento e que só não citamos para não alongar demasiadamente este artigo.

Assim, a empreza Severino Vaccari provou de novo o seu escrupulo artistico e soube corresponder honestamente á enorme e justificada expectativa do publico italiano.

Quarenta e dois anos depois da celebre representação concebida pelo vice-rei do Egypto, não ha me-

Maestro Verdi



Aspecto da cena durante a execução da celebre marcha da «Aida»

moria, na Italia, de ter sido levada á cena uma «Aida», com tanto brilhantismo e aparato. Basta dizer que nas sensacionaes audições da «Aida» no «Stadio Nacional de Roma» tomaram parte para cima de 1:000 executantes, com uma assistencia de 50:000 pessoas.

O «Stadio Nacional de Roma», como já sabem os leitores da «Ilustração Portuguesa», é um enorme recinto em forma elítica, todo de pedra, construído em anfiteatro, aberto e comportando cerca de 60.000 pessoas. Foi construído com o fim especial de n'ele se realizarem espéttaculos populares e desportivos.

A ajuda iosa empreza d'esta involvidavel «Aida» fez construir um palco de 50 metros de comprido por 40 de largo, tendo como fundo o arvoredo e como teto o céo. A cenografia foi, pois, abolida quasi por completo.

As colossaes colunas do templo do Sol, medindo 10 metros de altura, a gigantesca porta da cidade de Thebas e as altíssimas pirâmides, perfiladas no palco, destacavam-se no fundo escuro da noite, um pouco esverdeada pelos reflexos do arvoredo, dando ao

publico a impressão de que taes monumentos se encontravam — não n'um palco de teatro, mas n'um verdadeiro templo do antiquissimo Egypto, transportado como por encanto, das fertes margens do Nilo para as poeticas margens do Tibre!

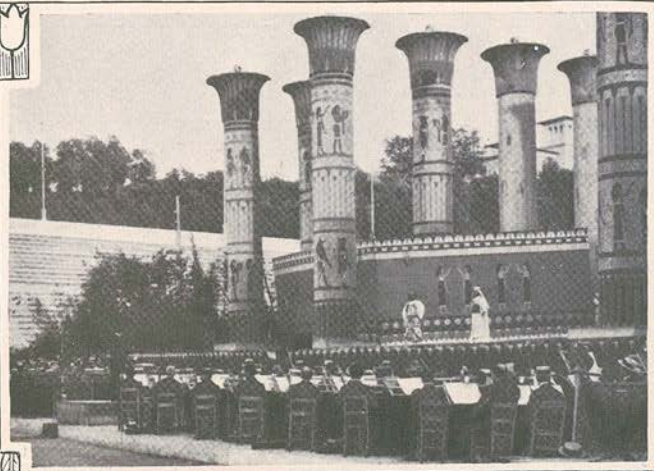
A chamar-nos á realidade e a mostrar-nos que o tempo de Pharaós caiu ha bastantes seculos, bastou a presenca do grande maestro Pietro Mascagni, o qual, com a sua enérgica e inspirada batuta e á frente

de 280 professores de orquestra, atacava sem uma hesitação e sem a partitura á frente, as deliciosas paginas do immortal «capo-lavoro».

A «Aida» começa, como decerto bem se recordam os leitores da «Ilustração Portuguesa», por um «pianissimo» de arcos; pois no grande silencio da noite estrelada, n'aquele vastissimo anfiteatro, a doce melodia dos violinos que interpreta, logo a seguir, o desesperado pranto da escrava enamorada, expandia-se como um suspiro, mas claro e distinto, como se estivessemos — não n'um recinto aberto,



1. Gabriela Bensezoni («Amneris»).—2. Juanita Campella («Aida»).—3. O publico (mais de 50:000 pessoas), assistindo á «premiere» da «Aida» no «Stadio» de Roma.



de esplendores como de grandiosidade, confundia os seus raios com os reverberos luminosos d'uma infinidade de lampadas electricas espalhadas pelo palco, iluminando, ainda tenue e triste, as margens do Nilo, no 3.º ato, para se perder por completo entre o arvoredado, quando «Amonastro» empurrava enfurecido, sua filha «Aida» e lhe gritava:— Vae indigna! Não és minha filha! Dos Pharaós tu és a escrava!

Tudo parecia combinar-se para dar ao publico uma impressão de realidade. No 4.º ato, quando conduzem «Radames» para a sepultura e os sacerdotes exclamam: «Ra-

mas n'um grande salão de magnificas condições acusticas.

Como era natural a ópera principiou com geral agrado do publico ansioso de ver os papeis de «Aida» e de «Amneris», interpretados respectivamente por Juanita Capella e Gabriela Besanzoni, a cujo valor artistico já nos referimos largamente.

A surpresa e a estupefação, porém, das dezenas de milhares de pessoas, que por completo enchiam as enormes escadarias e a grande platéa do «Stadio», manifestaram-se principalmente durante a empolgante cena do 2.º ato, quando a filha do rei vae oferecer a coroa a «Radames».

Que multidão passou ao fundo do palco, por baixo da porta da cidade de Thebas, desfilando pe-

dames, traidor!» oruid o rouco do comboio rápido, que a meio kilometro de distancia do «Stadio» devorava o espaço entre Roma e Florença, chegou até nós como um eco enigmatico que protestasse contra a injustiça de se matar um homem não por traidor, mas por cortejar a escrava de um rei, cuja filha o apetecia. A ilusão de que o publico se deixou apossar, só se desfez quando a luz da ribalta brilhou, inundando a cena, que até então se conservava na penumbra, e a massa enorme de umas 50.000 pessoas se principiou a mover em direção ás portas de saída.

Terminara a espetaculo!

E Verdi, o glorioso Verdi, recebera mais uma consagração!

E. G.

reante a magestade! Mais de 700 pessoas formavam, seguramente, o brilhantissimo sequito do rei: ministros, sacerdotes, tropa porta-estandartes, individuos que transportavam os estatutos dos deuses e, por fim, uma massa compacta de muitas dezenas de bailarinas conduzindo os tesouros, os trofeus de guerra arancados aos vencidos! O efeito era deslumbrante!

Quando soam as trombetas, em grupos de doze, executando a grande marcha guerreira, um verdadeiro arripio passou pela espinha de todos os espetadores — aquele caracteristico arripio das inolvidaveis sensações artisticas, das grandes emoções humanas!

A lua, que assistia a um tal espetaculo, tão cheio



4. Um aspecto do cenario. A orquestra composta de 450 figuras O maestro Mascagni durante um dos ensaios da «Aida»

A EUROPA EM GUERRA

Continúa a grande batalha.

E' a eterna frase por que se começa ha algumas semanas a cronica da guerra e quem sabe quantas se começarão ainda por ela. E' uma luta que se afigura sem fim, no meio da geral impaciencia para que a Europa volte á paz e ao trabalho, depois de aniquilado o imperialismo germanico, origem infame d'esta medonha conflagração.

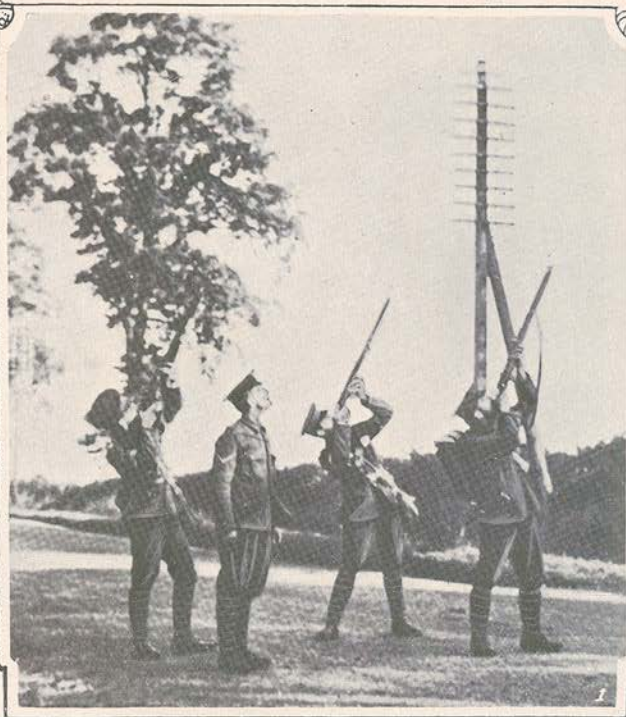
E' inegavel que as vantagens continuam a ser dos aliados; mas tambem não sofre duvida que o inimigo continúa a resistir, exgotando todos os meios, tanto em material como em homens. Quando se verão eles obrigados a refugiar-se no proprio territorio?

Desde esse dia, os exercitos alemães podem considerar-se vencidos e o sonho ambicioso do Kaiser absolutamente desfeito. O reentrar as -uas fronteiras representa para



1. A infantaria franceza em posição de atiradores nas trincheiras—2. A infantaria franceza bivacando.—(«Clichés» Chusseau-Flaviens)

eles o desprestígio de uma monumental derrota e vê-se-hão entre dois fogos terríveis: o dos aliados, que os perseguirão sem treguas, e o da revolução popular que ha de fatalmente estalar no seio do império. Emquanto se pôde iludir o povo alemão com as fantasias de um grande triunfo e



com o alargamento das suas fronteiras, todo ele corria para a morte e resignava-se e com as maiores privações. Da desilusão cairá no desespero e do desespero na revolução; e a quella arrogante unidade desfar-se-ha miseravelmente aos pedaços.

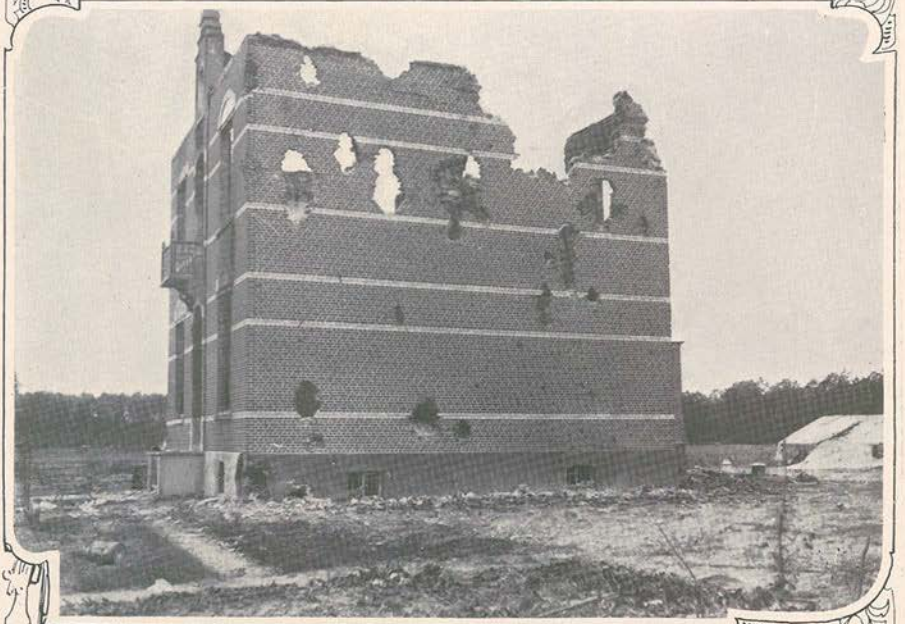
A saída do conflito não pôde ser outra.



1. Soldados ingleses visand um aeroplano — 2. «Highlanders» avançando para a linha de fogo. — («Clutchés» Chusseau-Flaviens).



A artilharia francesa avançando para um ponto estratégico.—(«Cliché» M. Branger).



Efeitos do canhão 42.—(«Cliché» Berliner Illustration)



Os francezes pondo em posição de fogo uma peça de 90 mm.—(«Cliché» M. Branger).

O VANDALISMO DOS ALEMÃES



1. Uma rua de Reims depois do bombardeamento. — (Cliché Chusseau Flaviens). — 2. A catedral de Mechtin, cidade belga. — (Cliché Berliner Illustration). — 3. Rua des Framboises e a igreja de Soissons. — (Cliché M. Branger).
4. Removendo os destroços de uma rua de Anvers. — (Cliché Berliner Illustration). — 5. Fugindo ao furor destruidor dos alemães, os habitantes de Anvers deixam a gare do caminho-de-ferro cheia de objetos. — (Cliché Berliner Illustration).



Como ficou Longwy depois do selvagem bombardeamento dos alemães



Depois de um combate em que os alemães abandonaram o campo



A infantaria inglesa atravessando um rio.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



Nos campos de Senlis: A procura das balas «dun-dun» dos alemães



Em Arras: rasto deixado pelos alemães.—«Clichés» Chusseau Flaviens)



Uma auto-metralhadora belga perseguindo uma patrulha alemã.—(«Cliché» de M. Branger)



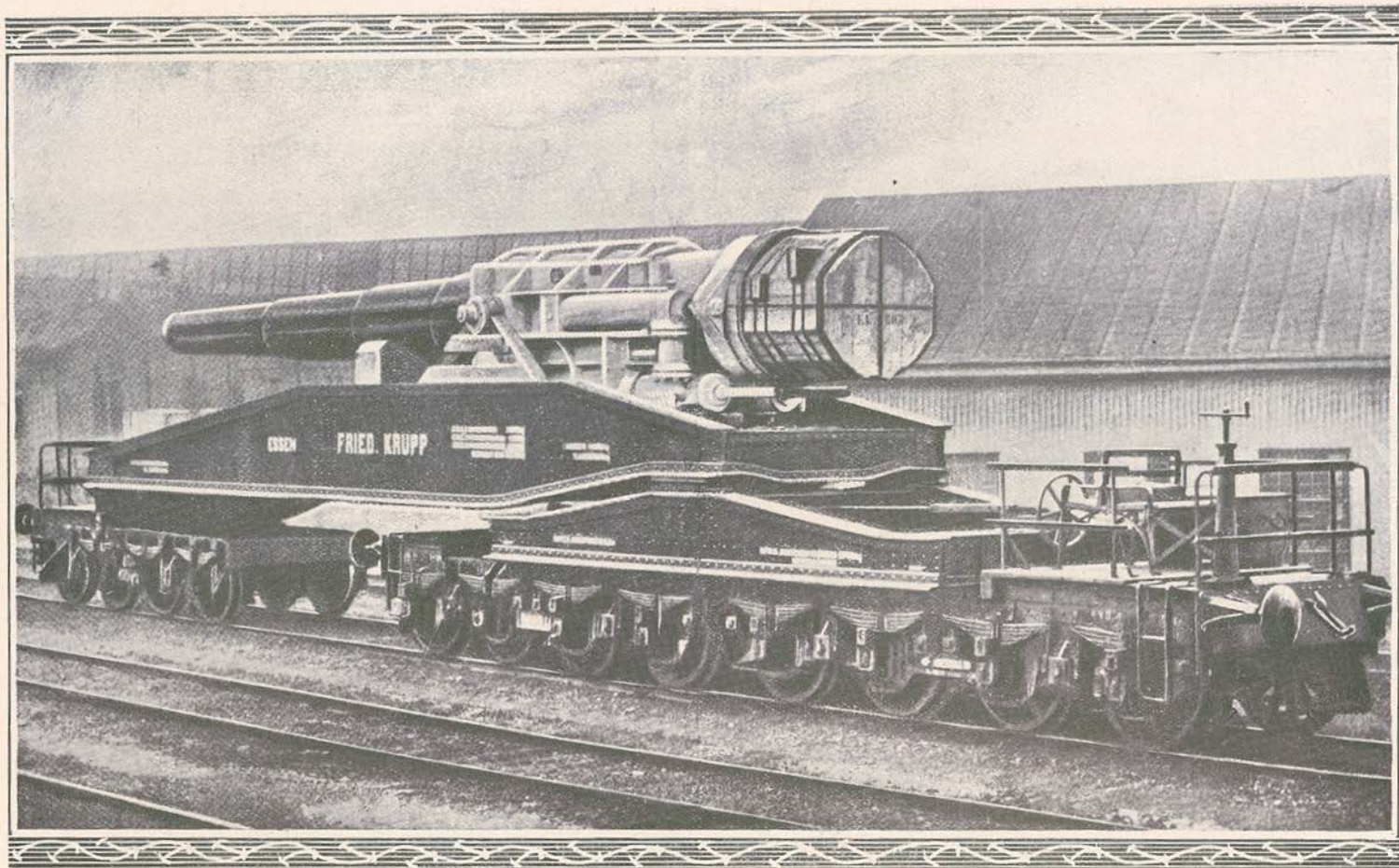
Os alemães passando busca aos camponeses belgas e ficando-lhes com o dinheiro



Feito de um obuz alemão.—(«Clichés» Berliner Illustration)



Damas da Cruz Vermelha belga nas ruas de Anvers.—(«Clichés Berliner Illustration».)



Um dos celebres canhões de 42 do exercito alemão.—(«Cuchê» dos engenheiros srs. Gil e Lanpaya enviado ao Mundo Grafico).

A família Bleck é uma das famílias ingliezas mais queridas e distintas, residentes em Portugal, que para ela é uma segunda patria, tanto a estima, tão lealmente a serve e tão bem fala a sua lingua.

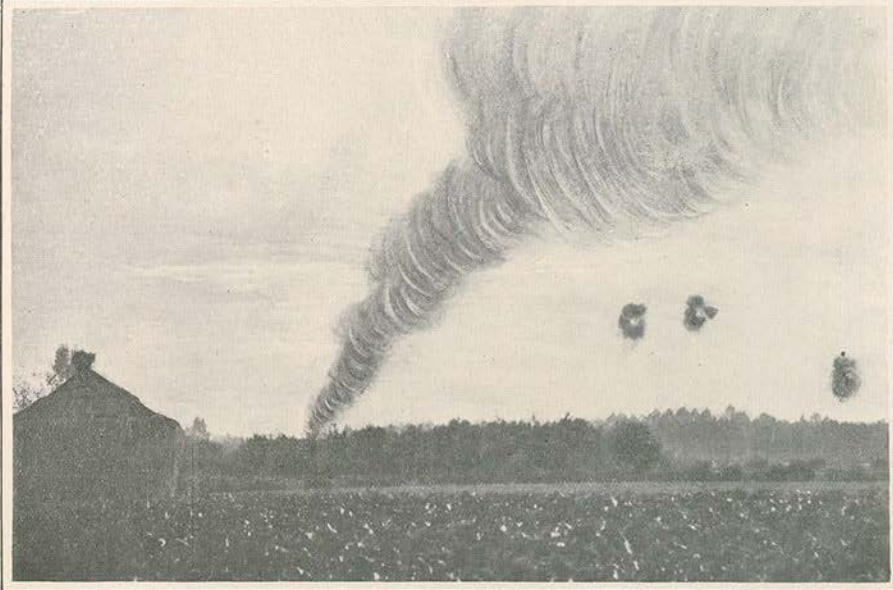
O chefe, o sr. Joseph Wiliam Henry Bleck é o ilustre presidente da Camara de Comercio britanica em Lisboa e um dos vultos mais considerados do nosso mundo financeiro. Tem prestado excelentes serviços a Portugal. Os seus dois filhos, Carlos e Guilherme, são dois *sportmens* distintissimos

O sr. Guilherme Bleck, apenas rebentou a guerra, foi-se alistar no exercito inglez. Valente, corajoso e de animo decidido. baten-



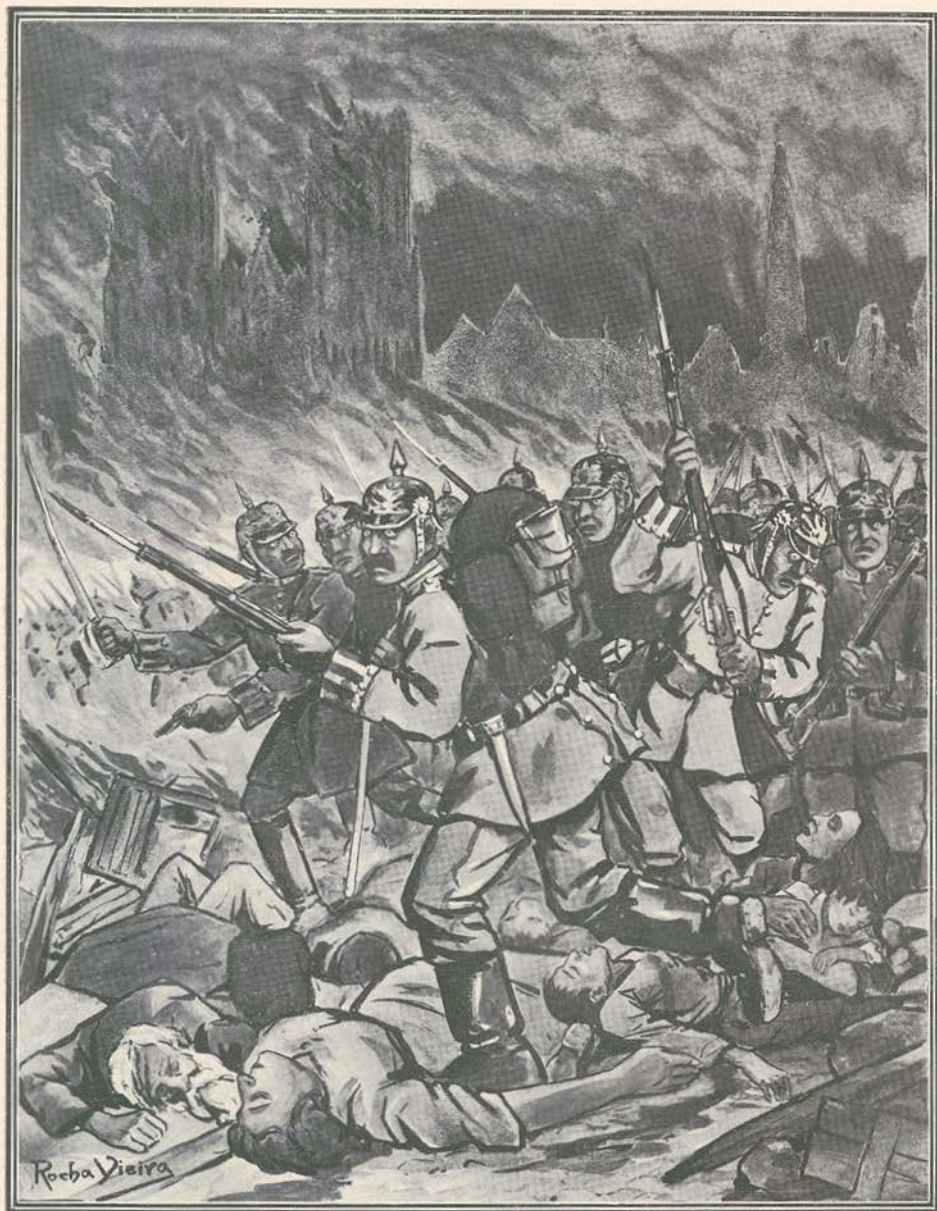
do-se ao lado dos seus compatriotas, ganhou em pouco tempo o posto de segundo tenente, como consta da gazeta oficial britanica de 24 de setembro ultimo.

A'queles qualidades de um bom oficial junta o sr. Bleck uma firmeza de caracter e um conhecimento especial da lingua franceza, valendo-lhe ser adido como interprete á 3.^a divisão de cavalaria e ser incumbido de uma importante missão pelo ministerio da guerra inglez em França. Desempenhada esta com grande competencia, foi lhe confiada outra em Portugal, tendo estado alguns dias em Lisboa com outros officiaes ingliezes.



1. Guilherme Bleck. 2. Em frente de Nieuport e Dixmude durante uma ação de artilharia: As nuvens de fumo são produzidas pela explosão dos obuses e dos «schrappnells».

OS BARBAROS



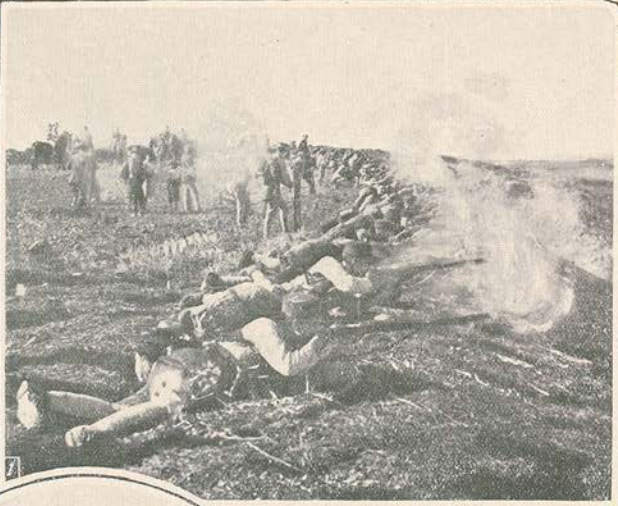
Aquarela do talentoso artista sr. Rocha Vieira, desenhador da Ilustração Portuguesa, em exposição na papelaria Paulo Guedes, da rua do Ouro, 80.



A igreja de Ribécourt, no Aisne, depois do bombardeamento. — («Cliché» M. Branger).

Portugal prepara-se para a guerra

Continuam os exercicios das nossas unidades militares, sobre as quaes deve incidir a escolha dos contingentes que hão de ir combater contra os alemães, onde se torne necessario para defender a patria. Pelo entusiasmo com que o paiz



está seguindo este movimento de tropas, sente-se, e ainda bem, que a tal campanha da cobardia, ao serviço dos interesses germanicos, vae perdendo terreno a vaier, embora não desista de nos intrigar, de malquistar-nos uns com outros, emfim, de nos desunir, pois que n'essa desunião está a sua unica força.

Toda essa gente começa a morder-se a morder-se

1. A infantaria, abrigada por uma trincheira, fazendo fogo

de desespero, vendo des coberto o seu infame jogo e sentindo-se por toda a parte escorraçada. O nosso so, dado mostra-se decidido ao cumprimento do seu dever, e nas manifestações entusiasticas do publico encontra a melhor sanção do seu patriotico procedimento. Esses troços garbosos de tropas, a cuja passagem se acumulam as multidões ansiosas de as admirar e aplaudir, fazem realmente honra ao nosso exercito e ao nosso paiz.

Teem o verdadeiro aprumo militar, a des'reza e firmeza de movimentos de soldados que andassem tre-



2



3

2. — Uma força de cavalaria que tomou parte nos exercicios. — A infantaria avançando para uma posição



1

*Preparando-se uma
cozinha no bivaque
de artilharia*

permitir que ele
seja tão grande co-
mo se deseja.

Os exercícios que
se realizaram ha
pouco na serra de
Monsanto são, no
entender de abali-
sados criticos mili-
tares que os presen-
ciaram, uma nota-
vel prova de que o
auxilio que vamos
prestar aos aliados
será devidamente
apreciado por todos
eles.



2

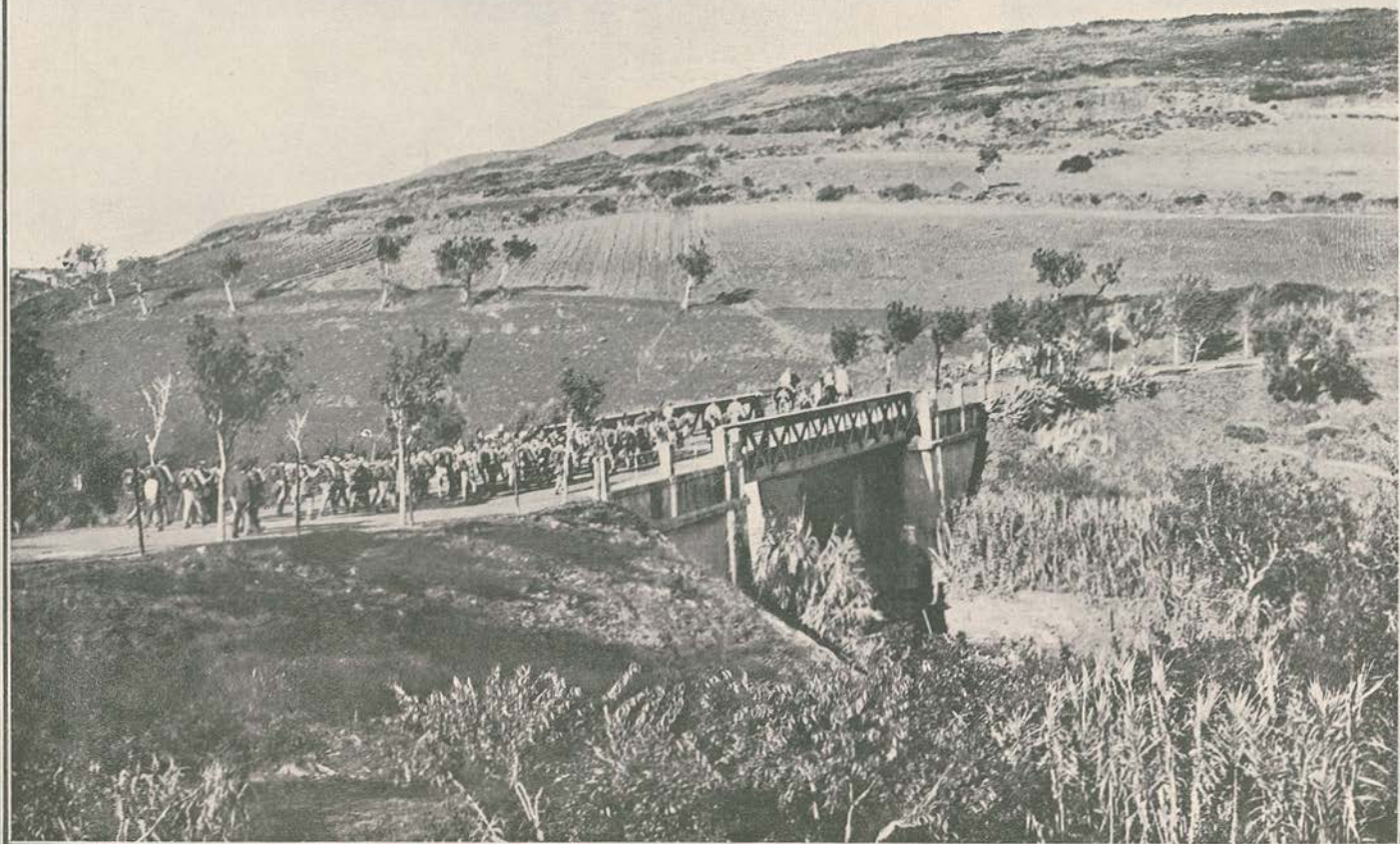
*A condução de
cunhetes em
mares*

nados dia a dia. A
ordem, a disciplina e
a sobriedade de que
estão a dar magnifi-
cas provas sempre
que saem ao campo
do exercicio, comple-
tam no soldado por-
tuguez qualidades,
raras de encontrar
reunidas n'outros, e
que darão á falange
portugueza, que mais
dia menos dia se de-
frentará com os ale-
mães, vantagens que
compensem o seu nu-
mero, se as neces-
sidades de defeza de
Portugal n'ou-
tros pontos não



3

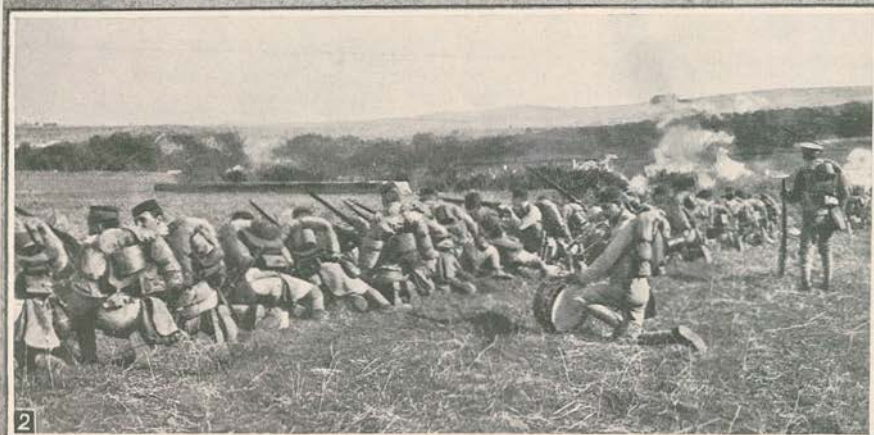
*O commandante da força de engenharia, recebendo ordem para destruir a ponte
depois da passagem das tropas.*



A retirada de infantaria pela ponte da Bica que atravessa o rio Jamor entre Queluz de Baixo e Valejas



1



2



3

1. Ministro da guerra, sr. general Pereira d'Eça, e os seus ajudantes, assistindo aos exercicios — 2. Uma linha de atiradores — 3. Artilharia 1 passando em Carnaxide. — («Cliches» Benoitel).

TEATROS

A companhia do Teatro da Republica em S. Carlos

Reabriu S. Carlos—com S. Luiz de Braga. O lindo teatro branco e oiro, de tão nobres tradições, hospeda, desde ha dias, a companhia do antigo Teatro da Republica. E foi, na verdade, emocionante espectáculo o que ofereceu esse palco d'opera, por onde tantas glorias artisticas teem passado, no momento em que, na noite da reabertura, ainda sob a impressão admiravel do vibrante discurso de Eduardo Schwalbach, s'irgiu, á frente dos seus artistas, aclamada pelo publico, a figura, ao mesmo tempo enlutada e contente, do afetuoso e querido Visconde. Não houve, então, olhos que não se comovessem, saudando o homem illustre, que á arte portugueza tem prestado alguns inestimaveis serviços e a quem uma enorme desgraça roubou, n'um estúpido incendio, o lar do seu espirito e do seu afeto. Pobre e bom amigo! O Visconde S. Luiz de Braga é, n'uma terra em que, mais ou menos, todos andam deslocados da sua vocação ou do seu temperamento, um verdadeiro profissional da sua industria. Aquella creatura obesa e terna, em cuja face luzem os olhos mais espertos que eu



FACHADA DO THEATRO DE S. CARLOS



VISCONDE DE S. LUIZ BRAGA



EDUARDO SCHWALBACH

tenho conhecido, nasceu para dominar e dirigir—e dominar e dirigir atores.

Do alto do seu charuto, que as ultimas comôções tornaram um pouco neurasténico, este homem arguto e impaciente conduz, com um tato perfeito e uma previsão segura de diplomata, as vaidades, as intrigas e os interesses dos artistas e dos autores que o cercam, que são alguns dos melhores que nós temos e que ele, sem sair do seu escritorio, tem, como ninguém, o singular condão de atrair e procurar. Ninguém, melhor do que ele, dentro do seu teatro, tem o sentimento do gosto, das preferencias do publico e a noção justa da oportunidade para aproveitar esse gosto e essas preferencias. A habilidade felicissima com que lançou, entre nós, as companhias estrangeiras, e, ultimamente, os concertos de grande orquestra, são d'isso eloquente testemunho. Uma empresa teatral não é apenas um balcão. O empresario tem, pelo menos, de fingir que não é apenas um negociante. Tem obrigações d'arte. O Visconde sabe-o e, ao lado do seu socio, o excelente Antonio Ramos, pratica essas obrigações, por vezes, com um despreendimento soberbo. Essa psicologia de empresario, experimentada em difficeis contingencias, atravessa n'este momento a sua mais rude prova. E, por isso, o publico, saudando, no outro dia, em S. Carlos, a sua bonhomia, os seus meritos e o seu transitorio infortunio, praticou, com a sua emoção e o seu entusiasmo, simultaneamente uma acção de justiça e uma consoladora obra de afeto.

O TESTAMENTO DA VELHA, no Eden-Theatro

Luiz Galhardo está fazendo resurgir no Eden o teatro d'opereta de Gervasio, D. João da Camara e Ciriaco. Depois do «Burro do sr. Alcaide», o «Solar dos Barrigas» e agora «O Testamento da Velha». Dispondo dos melhores e mais felizes elementos do genero, a sua meritória iniciativa tem sido e continuará sendo coroada de exito brilhante. A graça de Getavio, do pobre D. João e de Ciriaco é imortalmente portugueza—e o tempo não lhe diminuiu nem fez murchar, o riso e o pitoresco.

A. DE C.



FACHADA DO ANTIGO THEATRO DA REPUBLICA

ASTHMATICOS
Desanimados

**o Pó
DE ABYSSINIA
EXIBARD**

Sem Opio nem Morphina.

ALLIVIA
instantaneamente
Cada anno milhares de doentes

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o,
4, Rue Dombasle, Paris.

Inglez prático

O NOVO METODO
Inglez em 15 dias

Sem livros, sem estudo, com pronunciação figurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 70 réis. Curso completo 500 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 520 réis fortes. Remette-se a quem enviar esta importancia em vale do correio a Mr. F. Alexander.

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.

LISBOA

REMEDIO FRANCÊS



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Frasco de parte de 2 Fr. 200.

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N^o 2777-LISBOA

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

A VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEculo

Para 1915

A VENDA

Epil'vite CRÈME DEPILATORIO
pronto - empregar.
Efeito garantido.
Epil'vite Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, o pelos mas rijos da cara e do corpo sem vermelhidão.
Epil'vite Não produz nem borbulhas, não irrita a pele. - Envio discreto e franco contra vale do correio de 330 centavos.
REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

**Composição
e impressão**

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços módicos e com inextinguível perfeição

**Zincogravura
e Fotogravura**

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nicklado.

Em cobre.
A côres, pelo mais recente processo - o de tricromia.

Para jornaes, com trammas especiaes para este genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SEculo, 43

CRÈME
TOKALON

Um Seguro contra as Rugas

O MEIO DE FAZER COM QUE A SUA CARA PAREÇA SEMPRE JOVEN, E DE A LIVRAR PARA SEMPRE DAS RUGAS

A Bella SERRANA de Ba-Ta-Clan, Paris, da qual damos abaixo a photographia, declara:

«Dizem que eu tenho uma pelle bonita. Se isso é verdade, é graças ao

:: CREME TOKALON ::



TOKALON, 7, rue Auber, PARIS

Eis aqui um seguro simples e economico para conservar a vossa cara sem rugas

A VENDA NAS PERFUMARIAS:

LISBOA: — Perfumaria Balsemão, Rua dos Retrozeiros, 141, telephone 2.777; Perfumaria Godefroy, 84, Rua Garrett (Chiado) e em todas as boas lojas do artigo.

P. RIO: — Bazar Esmeriz, rua dos Clerigos, 70, 74; Moreira da Silva & Irmão, 188-190, Rua Sá da Bandeira e em todas as boas casas do artigo.

O CREME TOKALON, o maravilhoso creme de toilette francez, que não engordura e que é facilmente absorvido pela pelle, é o melhor seguro que V. Ex.^a póde ter contra as rugas e os signaes de edade avançada. Contem nata fresca e azeite de oliveira puro, previamente preparados e purificados por meios chymicos. Estes elementos fortificantes da textura, estão promptos a ser immediatamente absorvidos por ella. O seu fim é de fortalecer a derme sob a pelle, de a nivelar, tornando-a assim absolutamente uniforme, sem o menor vestigio de defeitos ou de rugas. As senhoras que applicam o *Creme Tokalon* antes de se deitarem ficam admiradas da mudança que notam no seu aspecto ao acordar no dia seguinte.

E' o ideal para applicar e fazer adherir os pós, e, mesmo com os grandes calores, a pele não se mostra nunca encarnada ou luzidia, porque este creme é fabricado especialmente com o fim de absorver a transpiração. Amassando entre os dedos um pouco de *Creme Tokalon*, comprehenderá V. Ex.^a a sua textura particular. Possui tambem um perfume muito fino e delicioso. Vende-se agora em boiões com tampa hygienica, o que o livra completamente da poeira, da humidade e dos microbios; está muito bem empacotado, e recomenda-se para as viagens.

Todos os perfumes *Tokalon*, os seus pós para a cara e outros productos de toilette acham-se á venda nas melhores lojas de Lisboa e do Porto.

O VERDADEIRO CREME TOKALON É APRESENTADO NO NOSSO BOIÃO DE PORCELANA COM TAMPA HYGIENICA EM ALLUMINIUM.

QUALQUER OUTRA APRESENTAÇÃO DEVE SER CONSIDERADA COMO UMA IMITAÇÃO E RIGOROSAMENTE REJEITADA.